



O “MODERNO PRÍNCIPE” E OS DESAFIOS IMPOSTOS A GRANDE POLÍTICA NO SÉCULO XXI

*João Victor Moré Ramos

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

Mais que uma mera questão ideológica, a não subordinação do subdesenvolvimento as diretrizes elaboradas pelo consenso de Washington na última década do século XX, - situação esta em que ruíram os alicerces do campo socialista, ao fechar o ciclo histórico aberto pela questão nacional na vitoriosa Revolução de Outubro (LOSURDO, 2004), ulterior ao que Moniz Bandeira (2013) chamou de Segunda Guerra Fria – colocou em marcha um novo caminho a ser percorrido pela grande política no século XXI.

Se por um lado a reestruturação capitalista acelerava o emprego de novas tecnologias em serviços e produção de bens imateriais, condicionando países emergentes a uma industrialização de tipo “pós-industrial” (MAGRI, 2014) – garantia essa que se dava pela regulação do mercado via acumulação predominantemente financeira das grandezas macroeconômicas (consumo, investimento e emprego) (CHESNAIS, 2000) – por aqui medidas anticíclicas elaboradas nas esteiras do nacional-desenvolvimentismo eram adotadas como uma estratégia de transição pós-capitalista que passava a elevar o comércio exterior a um alto grau de planejamento, com acordos “bilaterais, planificados e de Estado” (RANGEL, 2005b, p.503).

Inversamente as medidas adotadas pela grande política do subdesenvolvimento, o ultra-imperialismo sob a hegemonia dos Estados Unidos, ao executar uma política de poder com fins estratégicos, i.e, protegerem fontes energéticas e de matérias-primas, além de investimentos em mercados de suas corporações armamentistas em diferentes regiões do mundo, transferiram para a periferia do sistema capitalista não só a instalação de bases militares e guerras programadas (MONIZ BANDEIRA, 2013), como também suas heranças da *White Supremacy* – hoje *American Supremacy*¹, uma espécie de hierarquização natural dos povos e nações consagradas por uma vontade divina, similares a monarquia absolutista do *Ancien Regime* (LOSURDO, 2015).

Alem disso, ao combinar as políticas do “*regime change*”, que articulam doutrinas, agências de inteligência, especialistas e profissionais da mídia moderna com potenciais revolucionários na guerra de desinformação e descrédito das instituições do Estado, junto ao sistema financeiro internacional e as grandes corporações, os valores e interesses do Ocidente (Estados Unidos) pautaram-se em utilizar da estratégia de enaltecer as contradições domésticas e os problemas internos de cada país a fim de derrubar governos sem utilização da força, ou dito de outro

¹ Dois dogmas que foram enunciados em duas campanhas eleitorais são bem ilustrativos no que diz respeito ao enraizamento dessa tradição política estadunidense: 1) No primeiro mandato presidencial de Bill Clinton ele declarava o primado dos Estados Unidos e seu direito-dever de dirigir o mundo que “Nossa missão é eterna!”; 2) já George W Bush proclamou que “A nossa nação foi eleita por Deus e tem o mandato da história para ser o modelo do mundo” (LOSURDO, 2015).

modo, pela via de golpes militares. Consumaram-se assim as “revoluções coloridas” na Europa e na Ásia, bem como no Oriente Médio e na África do Norte (MONIZ BANDEIRA, 2013).

Todavia, o *Project for the New American Century* dos neo-conservadores² executado por George W Bush e endossado pelo presidente Barack Obama ousaram ampliar em conjunto com o sistema de espionagem da National Security Agency (NSA), a United States Agency for International Development (USAID), a National Endowment for Democracy (NED) além de ONG's – a Open Society Foundation (OSF) do bilionário George Soros, além da Freedom House e a International Republican Institute (IRI) controladas pelo senador John McCain - e outras entidades americanas, e alguns especialistas da Joint Military Attache School (JMAS) operada pela Defence Intelligence Agency (DIA) o monitoramento das comunicações de governantes tanto rivais quanto de sua base aliada (MONIZ BANDEIRA, 2015).

Somadas a esta, incluíam-se na agenda (*neocon*) desestabilizadora de Estados-nacionais e suas soberanias, a substituição de conceitos como crise e economia por palavras de ordem que serviriam para impor e para fazer com que se aceitassem “medidas e restrições que as pessoas” não teriam “motivo algum para aceitar”. O substantivo *Crise*, por exemplo, passava a significar nos dias de hoje simplesmente que “você deve obedecer” (AGAMBEN, 2012).

Nesse sentido, segundo Losurdo uma nova questão do Estado impõe-se ao cenário mundial. Quando Marx, na Ideologia Alemã atribuía que as ideias (*Gedanken*) da classe dominante são as ideias dominantes de cada época, isto é, “a classe que é a força material dominante da sociedade, é ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante” (MARX, 1986, p.72), hoje diríamos que a classe dominante não detém somente o monopólio das ideias, mais também o monopólio das emoções. Com um aparato tecnológico e psicológico mais sofisticado, o aparelho militar do ultra-imperialismo ficou mais forte não só no domínio militar clássico, mas também no plano multimidiático, já que “as armas midiáticas passam a provocar a opinião pública a ser favorável ao início de uma guerra” (LOSURDO, 2013).

Sob essa égide do meio técnico-científico-informacional, onde são instaladas as atividades “hegemônicas, aquelas que têm relações mais longínquas e participam do comércio internacional, fazendo com que determinados lugares se tornem mundiais” (SANTOS, 1994, p21), o professor de literatura italiana Giulio Ferroni, ao lidar com as concepções gramscianas do “Moderno Príncipe”, - que surge em Maquiavel na figura de um indivíduo político que se faz povo, e “se confunde com o povo” (BARATTA, 2011, p.328) *mutatis mutandis* aparecendo em Gramsci na moderna figura do partido político – irá afirmar que na conjuntura atual o lugar do príncipe-**condottieri** está mitificado no capital simbólico da televisão (FERRONI, 2007).

Nessa mesma perspectiva ocidental, Otavio Ianni, em seu artigo “O príncipe eletrônico”, dirá que o poder que a mídia exerce enquanto técnicas sociais obrigam as instituições clássicas a se reinventarem ou serem substituídas por novas técnicas e instituições (IANNI, 1999). Todavia, o autor acima citado não deixa claro as relações, e as possíveis combinações existentes entre as diferentes tipologias atribuídas ao “Príncipe” – desde a sua forma tradicional àquela mais contemporânea sugerida como “eletrônico” – ou mesmo se uma forma superior e inacabada do príncipe destruiria a sua forma mais antiga ou moderna. Desse modo, não seria o caso de pensar o

² Como principal responsável pelo restabelecimento contemporâneo dos estudos de filosofia política, Leo Strauss passou a ser considerado o mentor intelectual do movimento (*neocon*), formando dezenas de funcionários responsáveis pelos governos norte-americanos no século XXI. De todo modo, vale a pena aprofundar os estudos deixados por esse autor no que tange a complexidade de compreender os acertos e as dificuldades do Príncipe de Maquiavel, em sua obra “*Thoughts on Machiavelli*” publicado em 1958, como também sua obra posterior que abrirá um novo ciclo no pensamento filosófico do século XX: “*Liberalism Ancient and Modern*” publicado em 1968.

conceito de “Príncipe” enquanto teoria específica ligada ao processo geral, ao mesmo tempo como produção contraditória do geral, ou, em outras palavras, aquilo que Rangel - utilizando um termo barroco - chamou de “contemporaneidade do não-coetâneo” (RANGEL, 2005a)?³

Com efeito, o desenvolvimento econômico chinês dirigido pelo Partido Comunista nos últimos cinquenta anos tem demonstrado um dinamismo colossal diante do mundo ocidental, não só pelos altos índices de crescimento que o país mantém em ritmo acelerado, mas também por suas heranças confucionistas de unificação do Estado Nacional a cerca de 2500 anos. Um país que, alias, embora se mantenha nas fronteiras do subdesenvolvimento, se transformou no maior exportador mundial, segundo as informações da Organização Mundial do Comércio (OMC), além de ter quadruplicado entre o período de 2008-2014 – em meio à crise mundial – suas receitas e investimentos nos locais (África e América Latina) onde o capital norte-americano e europeu não conseguiu chegar (ROSÁRIO, 2015).

Levando em consideração os feitos realizados pelo PC chinês ao longo desses 50 anos de transição e abertura comercial ao mundo a cargo de Deng Xiaoping, não seria um exagero dizer, como faz Alan Badiou, que a forma-partido (o príncipe-moderno), estaria suplantada no século XXI, ou mesmo que o paradigma leninista de tomada do poder estatal estaria superado? (KEUCHEYAN, 2015).

Sem embargo, não seria exagero dizer que ainda hoje permanece em estado latente o *leitmotiv* “dreyfusiano” no interior da política moderna. Segundo as análises do professor Robison, do núcleo de Estudos latino-americanos e ibéricos na Universidade da Califórnia, vivemos nos tempos em que se buscam inúmeros bodes expiatórios – como no caso dos imigrantes, e dos muçumanos – através de diretrizes ideológicas que abraçam “um passado idealizado e mítico”. Um passado, sobretudo, enraizado no encarceramento em massa, tomando lugar dos campos de concentração em nome das chamadas guerra contra as drogas, guerra contra a juventude pobre, guerra contra o terrorismo, guerra contra os imigrantes (ROBINSON, 2013).

De fato, o problema da imigração, notoriamente marcado em grande parte por êxodos, fugas e exílios decorrente das guerras, por mais distinto que seja da questão muçumana por suas conotações religiosas, no fundo se inserem na mesma conjuntura mundial de realocação do capital. Como demonstra Piketty, a redistribuição e regulação da desigualdade mundial do capital pela imigração estão intimamente vinculadas às políticas públicas inerentes aos países ricos. O risco, ainda segundo o autor, se insere no uso ou não de regulamentações pelo Estado⁴, – sejam elas, imposto progressivo sobre a renda, e/ou imposto progressivo sobre o capital. Em síntese, quando não há as bases de um Estado Social – no sentido forte da palavra - que permita uma integração pelas camadas menos favorecidas aos imigrantes, onde os “benefícios econômicos da globalização gerem lucros para todos”, o impulso à “exacerbação nacional e identitária serão mais fortes do que nunca” (PIKETTY, 2014, p. 525).

³ Para Rangel a coexistência da realidade “antiga com a nova não é uma simples superposição, mas uma oposição”. Elas se modificam mutuamente na medida em que as duas realidades reagem uma sobre a outra. Todavia, não constituem duas coisas separadas, mais uma realidade complexa única, que, na linguagem hegeliana corresponderia aos contrários estarem em unidade dialética (RANGEL, 2005a, p.207).

⁴

Todavia, poder-se-ia dizer que essa questão não se encerra em si mesma. Ao considerar as lições de Gramsci dos *Cadernos*, para qual não se pode entender “as instituições políticas como simples superestruturas da economia” (SILVA, 2011), Losurdo insiste na tese de que não basta justificar o surgimento do fundamentalismo como base econômica, a menos que se queria eximir-se da responsabilidade de compreender “a transição da sociedade do espetáculo para o espetáculo como técnica de guerra” manifestado em escala planetária desde 1989 (LOSURDO, 2013).

Nesse sentido, Losurdo chama atenção até mesmo a um prestigiado filósofo italiano, Giorgio Agamben, que nem sempre demonstrando uma vigilância crítica em relação à ideologia dominante, sintetizou de modo assaz os caminhos que a excitação das massas foi utilizada no desmonte do campo socialista na Jugoslávia, bem como na revolução de veludo em Praga (1989), e a revolução Cinecittà na Romênia. Vejamos o que diz o filósofo a respeito desta última:

“Pela primeira vez na história da humanidade, cadáveres recém enterrados ou alinhados nas mesas das morgues foram desenterrados às pressas e torturados para simular diante das câmaras o genocídio que devia legitimar o novo regime. Aquilo que o mundo inteiro tinha diante dos olhos em directo como verdade nos écrans de televisão era a absoluta não-verdade. E apesar de que por vezes a falsificação foi evidente, ela era de qualquer forma autenticada como verdadeira pelo sistema mundial dos media, para a qual, ficou claro, a verdade doravante não era senão um momento do movimento necessário do falso (LOSURDO, 2010)”.

No final dos anos 90, o “príncipe eletrônico”, utilizando a expressão de Ianni (1999), ganha uma nova expressão – a chamada Internet irrompe enquanto tecnologia capaz de modificar profundamente as relações de força no plano internacional. Utilizada como ferramenta geopolítica dos EUA, - via o controle da rede por grandes grupos – as operações secretas realizadas anteriormente pela NSA em organizar movimentos políticos em países longínquos, passaram desde então a um novo estágio de comunicação operada a partir do Ocidente (LOSURDO, 2010).

Claro está que até mesmo Agamben posteriormente em sua obra *Homo Sacer* (1998) acabou seduzido pela própria denúncia do Auschwitz da sociedade do espetáculo na revolução Cinecittà, ao tecer críticas – alinhado ao coro dominante – contra “*the excommunist ruling classes’ unexpected fall into the most extreme racism (as in the Serbian program of “ethnic cleansing”)*” (AGAMBEN, 1998, p.72).

Involuntariamente, o filósofo italiano aceitara de modo precipitado a propaganda de guerra

difundida no “sistema mundial dos media”, que anteriormente apontara como a fonte principal da manipulação. Depois de ter denunciado a redução do “verdadeiro” para “momento do movimento necessário do falso”, feito pela sociedade do espetáculo, ele limitava-se a conferir uma aparência de profundidade filosófica a esse “verdadeiro” reduzido a “momento do movimento necessário do falso” (LOSURDO, 2013).

Alem disso, faz mister pensar a trama que se desenvolve nos últimos anos entre o Partido Comunista Chinês (PCC) - sob o título de príncipe moderno - como um dos grandes obstáculos ao “príncipe eletrônico” sob tutela da multinacional norte-americana em matéria de redes (Internet) no mundo, a Google. Diluídas pela grande imprensa internacional como alvo de censura, o PCC em um só golpe foi utilizado em uma campanha de relações públicas em prol de “beneficiar a imagem e os lucros da multinacional estadunidense, abrindo-lhe o caminho para uma expansão em outros países” (LOSURDO, 2010). Entretanto, contrapondo a ideia de censura e a reafirmação do direito humano à livre informação, o Ministro da Administração do Ciberespaço da China, Lu Wei, deixou claro em um encontro com Mark Zuckerberg – fundador do facebook – que a “China sempre foi muito hospitaleira”, embora

escolhesse quem entraria em sua casa. E conclui: “Não podemos permitir que qualquer companhia entre na China e ganhe dinheiro enquanto machuca o país”. Alias, “não disse que o Facebook não poderia entrar na China, mas também não disse que poderia” (WEI, 2014).

* (email: jaumbgood@gmail.com)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**. Califórnia: Ed: Stanford University, 1998.

_____. “**Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro**”, 2012. Acesso em: 08 de ago. 2015

BARATTA, Giorgio. **Antonio Gramsci em contraponto**: diálogos com o presente. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

CHESNAIS, F. Mundialização: o capital financeiro no comando. **Les temps modernes**, Paris, 607, 2000. Tradução de Ruy Braga

FERRONI, G. O príncipe moderno não é mais um partido ou o partido, mas a televisão. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 231, ano VII, ago – 2007. Disponível em:

http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1207&secao=231 Acesso em: 07 de ago. 2015.

IANNI, Octavio. O príncipe eletrônico. Perspectivas: **Revista de Ciências Sociais**. São Paulo, v.22, 1999. Disponível em:

<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2079> Acesso em 09 de ago. de 2015.

KEUCHEYAN, Razmig. **Alain Badiou: Evento, fidelidade, Sujeito**, 2015. Disponível em: <https://overquill.wordpress.com/2015/04/11/alain-badiou-evento-fidelidade-sujeito-por-razmig-keucheyan/> Acesso em: 21 de jul. 2015.

LOSURDO, Domenico. **Fuga da História?** A revolução russa e a revolução chinesa vistas de hoje. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

_____. **Resistência Falsa e Manipulação Verdadeira: A geopolítica da Internet**, 2010. Disponível em:

<http://www.voltairenet.org/article167106.html> Acesso em 10 de ago. 2015.

_____. **A indústria da mentira, parte da maquina de guerra do imperialismo**, 2013. Disponível em: <http://www.voltairenet.org/article180543.html> Acesso em: 10. de ago. 2015.

_____. **Produção das emoções é o novo estagio do controle da classe dominante**, 2013. Disponível em:

<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/entrevistas/31615/losurdo+producao+das+emocoes+e+novo+estagio+do+controle+da+classe+dominante.shtml%22EUA%20s%C3%A3o%20o%20pio%20inimigo%20da%20democracia%20nas%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Internacionais%22> Acesso em: 07 de ago. 2015

_____. Revolução de outubro e democracia no mundo. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis – PPGICH**. Florianópolis, v.12, n.1 jan/jun -2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2015v12n1p361> Acesso: 07 de ago. 2015.

- MARX, Karl. ENGELS, F. **A ideologia alemã** (Feuerbach) 5ª Edição. São Paulo: Hucitec, 1986.
- MAGRI, Lucio. **O alfaiate de Ulm**: uma possível história do Partido Comunista Italiano. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. **A segunda guerra fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos** – Das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. **EUA promovem desestabilização na América Latina**, 2015. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Moniz-Bandeira-EUA-promovem-desestabilizacao-na-America-Latina-/4/33088> Acesso em: 05 de ago. 2015.
- PIKETTY, Thomas. **O Capital no século XXI**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- RANGEL, Ignacio. **Obras Reunidas**. Volume 1. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a. _____ . **Obras Reunidas**. Volume 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005b.
- ROBINSON, William I. **As sementes do fascismo no século XXI**, 2013. Disponível em: <http://outraspalavras.net/posts/as-sementes-do-fascismo-no-seculo-21/> Acesso em: 04 de ago. 2015.
- ROSÁRIO, Miguel do. **Entrevista: Elias Jabbour fala sobre a China**, 2015. Disponível em: <http://www.ocafezinho.com/2015/08/09/entrevista-elias-jabbour-fala-sobre-a-china/> Acesso: 10 de ago. 2015.
- SILVA, Marcos Aurélio da. **O Brasil no olho do furacão**, 2015. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/266803-1> Acesso: 21 de jul. 2015. _____ . **O comunismo crítico de Antonio Gramsci**, 2011. Disponível em: <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1356> Acesso em: 05 de ago. 2015.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio-técnico-científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- WEI, Lu. **Se o Facebook não entra na China, a China não entra no Facebook**, 2014. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/link/se-o-facebook-nao-entra-na-china-a-china-entra-no-facebook/> Acesso em: 10 de ago. 2015.